

POLIFONIA	CUIABÁ	EdUFMT	Nº 07	P.137-147	2003	ISSN 0104-687X
-----------	--------	--------	-------	-----------	------	----------------

Três estudos de linguagem

João Penha (UNESP) *in memoriam*

ABSTRACT: The papers presented here try to clarify some doubts of the Portuguese language which were not adequately solved yet. I-The names **Rodrigo** and **Rodrigues** were studied here in their old and contemporary usage. II-The surname **Garrett** was analyzed in order to demonstrate its real pronunciation. III-Modern authors have been excluding the adverb **atrás** from the expression **Há dez anos atrás**, once they consider its inclusion incorrect. The present study proves that the use of **atrás** in this expression is legitimate.

KEY-WORDS: patronymic, orthoëpy, pleonasm.

RESUMO: Os trabalhos aqui reunidos procuram esclarecer dúvidas da língua portuguesa que ainda não foram devidamente solucionadas. I-Os nomes **Rodrigo** e **Rodrigues** foram aqui estudados em seu uso antigo e contemporâneo. II-Estudou-se o sobrenome **Garrett** para demonstrar sua verdadeira pronúncia. III-Autores modernos têm excluído o advérbio **atrás** da expressão **Há dez anos atrás**, por considerarem incorreta a inclusão desse advérbio. O presente estudo prova que o uso de **atrás** nessa expressão é legítimo.

PALAVRAS-CHAVE: patronímia, ortoépia, pleonasma.

I - Rodrigo e Rodrigues

Sabemos que hoje *Rodrigo* é prenome e *Rodrigues*, sobrenome como tantos outros. Não foi sempre assim. *Rodrigues* era no princípio um patronímico: indicava a filiação. Muitos outros patronímicos terminados em *-ez* (depois *-es*) estão relacionados na Onomástica luso-brasileira.

1. Como surgiram esses patronímicos

Houve época em que se conheciam as formas latinas ou alatinadas que deram *Gonçalo*, *Ramiro*, *Rodrigo*, mas não se tinha notícia das formas derivadas de que resultaram *Gonçalves*, *Ramires*, *Rodrigues* e outros nomes dessa feição.

Foi na Idade Média que surgiram os primeiros sobrenomes do grupo de *Álvares*, *Nunes*, *Rodrigues*. Eles foram introduzidos pela necessidade de distinção de nomes idênticos. Para isso, juntou-se ao nome de batismo o nome próprio do pai. Quem se chamasse *Rodrigo* teria o sobrenome do filho alterado em *Rodrigues* (José *Rodrigues*); o que tivesse o nome de *Álvaro* passaria ao filho o sobrenome *Álvares* (Pedro *Álvares*). Assim, o sobrenome do filho não repetia exatamente o prenome do pai, mas recebia uma forma que traduzia filiação.

O processo partiu do tempo em que tais nomes estavam ainda em latim. Como essa língua fazia uso restrito de preposição, os casos supriam essa função. Em vez de dizerem, por exemplo, *Álvarus de Álvaro* = Álvaro (filho) de Álvaro, vinha a forma de genitivo latino-medieval. Daí os sobrenomes latinos: *Alvarici* > *Álvarez* (hoje *Álvares* e *Alves*) = filho de Álvaro; *Ruderiquici* > *Rodrigues* (hoje *Rodrigues*) = filho de Rodrigo.

Ilustra bem o caso o nome de *Nuno Álvares Pereira*, condestável de D. João I, fundador da dinastia portuguesa de Avis no final do séc. XIV. Sobre o nome dessa figura notável de Portugal, lembre-se o que diz Francisco José Freire (Cândido Lusitano):

"D. Nuno Álvares Pereira chamou-se *Álvares* por ser filho de D. *Álvaro* Gonçalves Pereira; e este era *Gonçalves* por ser filho de D. *Gonçallo* Pereira &c." (*Reflexões Sobre a Língua Portuguesa*, 1842, p.179.)

O nome de Nuno Álvares Pereira mostra que o processo estava em pleno vigor nessa fase da História portuguesa. Desses sobrenomes, são freqüentes, entre outros:

Álvares (por *Álvarez*, filho de Álvaro);
Antunes (em vez de *Antúnez*, filho de Antônio);
Bentes (por *Bêntez*, filho de Bento);

Bernardes (no lugar de *Bernárdez*, filho de Bernardo);
Domingues (por *Domínguez*, filho de Domingos);
Esteves (em vez de *Estêvez*, filho de Estêvão);
Fernandes (por *Fernández*, filho de Fernando);
Gomes (no lugar de *Gómez*, filho de Goma ou Gomo);
Gonçalves (por *Gonçalvez* [de *Gundisalvicí*], filho de Gonçalo);
Guedes (em vez de *Guédez*, filho de Guedo);
Henriques (no lugar de *Henríquez*, filho de Henrique);
Lopes (por *López*, filho de Lopo);
Marques (em vez de *Márquez*, filho de Marcos);
Martins (no lugar de *Martinz*, filho de Martinho ou Martim);
Mendes (por *Mêndez*, filho de Mendo);
Nunes (em vez de *Núnez*, filho de Nuno);
Pais (Paes) (no lugar de *Páez*, filho de Paio, Pelágio);
Peres (por *Pérez*, filho de Pero, Pedro);
Pires (var. de *Peres*);
Ramires (em vez de *Ramírez*, filho de Ramiro);
Rodrigues (no lugar de *Rodríguez*, filho de Rodrigo);
Sanches (por *Sánchez*, filho de Sancho);
Soares (em vez de *Soárez*, filho de Soeiro);
Vasques (no lugar de *Vásquez*, filho de Vasco).

2. Abreviaturas antigas desses sobrenomes

As formas acabadas em z (em vez do moderno s) deixaram até abreviatura de muita tradição, conforme testemunham textos antigos. Ex.:

Alz = Álvarez;
Bernz = Bernárdez;
Fz = Fernández;
Gez = Gómez;
Gez = Guédez;
Glz = Gonçávez;
Mdez = Mendez;
Mz = Martinz;

Nuz = Núñez;
Roiz = Rodríguez.

Essas abreviaturas terminam em z porque são tiradas da grafia antiga dos sobrenomes.

3. Enquadramento ortográfico das formas primitivas

Não se pode negar que a grafia com z final esteja de acordo com as regras de evolução do latim para o português. *Gonçálvez*, *Rodríguez* eram escritas legítimas porque o *ci* latino dá z em português. Esse fato está comprovado em todos esses sobrenomes, como retrata o genitivo latino *Petrici*, transformado em *Perez*, hoje *Peres*. Mas como o z final foi preservado apenas nos vocábulos portugueses oxítonos (como *embriaguez*, *rapidez*, *Beatriz*, *Muniz*), os ortógrafos trocaram por s o antigo z dos sobrenomes. Assim, todos os nomes desse grupo, antes grafados com z, receberam s final em nossa língua.

Além de enquadrar esses nomes na ortografia moderna, a mudança de z para s final certamente evitou o desvio de pronúncia que já prosperava entre portugueses e brasileiros. Em Portugal, Vasco Botelho de Amaral diz: "...quase toda gente do nosso país profere *Alvarêz*, em vez de *Álvarez*, em grande parte por mera influência gráfica" (a escrita com z final). O espanhol, porém, seguiu outro caminho: manteve o z, que se vê em *González*, *López*, *Martínez*, *Rodríguez*, *Velásquez* e outros. Mas essa grafia espanhola tem suscitado, entre nós, erro de pronúncia. Muitos desses sobrenomes espanhóis receberam do povo de fala portuguesa a falsa pronúncia oxítona. Pois sempre ouvimos *Fernandêz*, *Martinêz*, quando devem esses nomes da Espanha pronunciar-se *Fernández* (esp. atual *Hernández*), *Martínez*, como determina a pronúncia de sua origem. E às vezes a pronúncia oxítona ficou. Todos no Brasil conheceram a prolação oxítona (*Juarêz*), quando *Juarez Távora* percorreu o País como candidato à Presidência da República em 1955. Na realidade, o nome espanhol *Juárez* (o mesmo que *Suárez*) foi aportuguesado como *Juarez* (oxítono).

Esse patronímico terminado em *ez* é próprio de nomes espanhóis e portugueses. Muitos, na realidade, podem classificar-se como nomes hispano-portugueses. Em português, por exemplo, há notícia do nome *Soárez* desde 1554, mas já A. Vilas Boas e Sampaio informa que os Soares são espanhóis da cidade de Toledo, antiga capital da Espanha. Do nome *Suário* (ou Soeiro) teria surgido, pelo latim medieval, o sobrenome espanhol *Suárez*. Outro sobrenome procedente da Espanha é *Henriques*. O primeiro rei de Portugal, Afonso *Henriques*, recebeu o sobrenome do pai, Henrique de Borgonha. Todavia, *Henriques* já era conhecido antes. "Os Henriques vêm de D. Fernando Henriques, neto de D. Henrique II, rei de Castela." Esse processo explica nomes de muitas línguas. Para só citar entre os russos, lembrem-se *Ivanovitch* (filho de Ivã) e *Ivanovna* (filha de Ivã). Em português, é a mesma forma para os dois gêneros: *André Rodrigues*, *Andréia Rodrigues*.

II - Pronúncia do sobrenome Garrett

Muitos em Portugal e no Brasil pronunciam incorretamente [*garrê*] o sobrenome do escritor Almeida Garrett. Devem ter cuidado melhor do caso os filólogos portugueses A. R. Gonçalves Viana (1840-1914), J. Leite de Vasconcelos (1858-1941) e o filólogo brasileiro Antenor Nascentes (1886-1972), fontes básicas deste comentário.

1 - Quem foi Almeida Garrett

João Batista da Silva Leitão de Almeida Garrett, escritor, político e diplomata, nasceu no Porto a 4 de fevereiro 1799 e faleceu em Lisboa a 9 de dezembro 1854. Introdutor do romantismo em Portugal, distinguiu-se como poeta, romancista e renovador do teatro português.

2 - Origem de sua família

Informa Inocêncio Francisco da Silva que Almeida Garrett era de ascendência irlandesa. Filho de Antônio Bernardo da Silva

Garrett, "natural dos Açores, e descendente de uma família irlandeza", e de D. Ana Augusta de Almeida Leitão, de pai brasileiro."

3 - Língua do sobrenome Garrett

Garrett, palavra inglesa, é, para alguns autores, nome de lugar na Irlanda.

A. R. Gonçalves Viana dá esta notícia do vocábulo:

"O apelido [= sobrenome] é inglês, e se à risca se quisesse proferi-lo como nesta língua, haveria de pronunciar-se *gáret*, com o acento na 1ª sílaba, e um *t* proferido na segunda."

Para Antenor Nascentes:

"*Garrett* é primitivamente palavra inglesa, *garrett*, que significa a princípio "lugar de refúgio", "torre de vigia", e depois "águas-furtadas". Deve ter sido nome local na Irlanda, donde provinha a família do poeta."

Francisco Gomes de Amorim (1827-1891), amigo íntimo de Garrett e, depois, seu biógrafo, afirma que "*Garrett* é forma irlandesa de *Gerald* e testemunhava a descendência de *Gartt*, primeiro conde de Desmond." (Cf. Leite de Vasconcelos, *Op.* III, 77.)

4 - Pronúncia francesa de Garrett

Comenta Gonçalves Viana:

"Se o nome fosse francês, que não é, nenhum francês, ao vê-lo escrito com dois *tt* finais, deixaria de pronunciar-lo *gâréte* [garréte]. A extravagante pronúnciação *garré* é que não pertence a língua nenhuma conhecida, e só prima pelo ridícula que é."

5 - Como Garrett proferia seu sobrenome

"...o próprio poeta sempre pronunciou o seu apelido como se em português se escrevesse *garréte*, com *a* surdo na primeira sílaba, o acento tônico na 2ª, e o *t* perfeitamente proferido. Assim lho ouvi eu várias vezes, assim o pronunciavam todos os seus contemporâneos". [garréte] é "como ele o pronunciava e queria que lho pronunciassem, bem à portuguesa, e não com disfarces que o transtornam e afeiam." (Gonçalves Viana.)

Antenor Nascentes confirma:

"O poeta pronunciava o seu nome como se em português se escrevesse *garréte*."

6 - Quando se começou a deturpar a pronúncia de Garrett

"O apelido inglês do maior poeta nacional depois de Luís de Camões, João Baptista de Almeida Garrett, está recentemente a ser pronunciado de um modo pretensioso e que nenhum fundamento racional pode abonar." - Como essa nota de G. Viana saiu em 1906, nas *Apostilas aos Dicionários Portugueses*, presume-se que a falsa pronúncia veio bem depois da morte do escritor.

7 - Como se deve pronunciar Garrett

Para evitar deslize no sobrenome *Garrett*, João Ribeiro (1860-1934) insiste na pronúncia exata:

"João Batista de Almeida Garrett (pronuncie *Garréte*) nasceu no Porto em 1799 e faleceu em Lisboa em 1854."

E Antenor Nascentes explica por que se deve proferir [garréte]:

"O *t* se deve pronunciar. Nuns versos de Antero, citados por Eça de Queiroz, *Notas Contemporâneas*, 352, *Garrett* aparece rimando com *mete*."

Vejamos os versos de Antero de Quental (1824-1891), poeta contemporâneo de Almeida Garrett, que lhe devia saber a verdadeira pronúncia do sobrenome:

*... os transcendentales recantos
Aonde o bom Deus se mete,
Sem fazer caso dos Santos,
A conversar com Garrett!*

Se a má pronúncia só apareceu depois da morte do escritor, o equívoco permanece. E hoje dizem [garré] até nos meios universitários, donde devia partir a pronúncia correta: [garréte]. Similares a *Garrett*, há outros sobrenomes em que se costuma proferir *t* final. Eis algumas personalidades com esse tipo de sobrenome:

Berenice Abbott, Samuel Beckett, Gilbert Hyatt, Teixeira Lott, Brad Pitt, Percivall Pott, Óscar Pratt, Walter Scott.

Tendo o notável foneticista Gonçalves Viana sobressaído no combate à deturpação desse sobrenome, é justo incluir aqui esta observação que ele fez há cerca de cem anos:

Diz-se para aí entre gente que presume de instruída, e muitas vezes o é na realidade, garrê. O que lhes seria difícil fora dizerem em que se estribam e com que se escudam para tão anômala pronúnciação.

Pelas provas reunidas, *Garrett* deve-se pronunciar [garrête].

III - Há dez anos atrás

Sobe o número de trabalhos gramaticais que rejeitam a inclusão de *atrás* em expressões como:

- *Há dez anos atrás.*

Dizem alguns autores atuais que *atrás* deve ser eliminado dessas construções, uma vez que o verbo *haver*, no caso, já diz que o tempo se passou; daí a grave redundância que resulta do acréscimo de *atrás*.

Uma prova da recusa de *atrás* nessa situação pode-se ler neste trecho de Eduardo Martins saído no *Estadinho* de 8/11/1997, p. 4:

“Como você diria: *O Estadinho foi lançado há uma década atrás* ou *o Estadinho foi lançado há uma década?* Nesse caso a opção correta é a segunda: *O Estadinho foi lançado há uma década.* Usar a forma “há uma década atrás” é incorrer em grave redundância. Como o *há* já indica passado na frase, o *atrás* se torna absolutamente dispensável. Se preferir, escreva de outra forma: *O Estadinho foi lançado há dez anos* ou *o Estadinho foi lançado dez anos atrás.*”

Da mesma opinião é o gramático Luiz Antônio Sacconi, que escreve no livro *Não Erre Mais*, ed. 1978, p. 166:

“Não diga nem escreva:

- Fomos a Brasília *há* poucos dias *atrás*.

- Isso aconteceu *há* onze anos *atrás*.

O *há, por si só, já indica fato passado*. Usar o *atrás* é, portanto, incorrer em pleonasmos viciosos.”

Que a expressão é pleonástica todos reconhecem. E o Prof. Ernani Calbucci (1912-1963), consultado sobre o caso, deixou esta lição:

- “Há muitos anos atrás” é efetivamente expressão pleonástica, pois o “há” de *per si só* indica que se trata de tempo passado.” (*Questiúnculas de Língua Portuguesa*, s. d., p. 165.).

Calbucci confirmou o pleonasmos, mas não rejeitou a construção.

Acontece que as expressões temporais reforçadas pelo advérbio *atrás* têm tradição em português, não se opondo a elas os tratadistas da língua que escreveram em outras épocas. O rol de pleonasmos viciosos não incluía frase com *atrás*. Pelo contrário, bons mestres do idioma usaram a construção redundante, como veremos a seguir.

Lembra-me haver lido em obra histórica do gramático mineiro Mário Casasanta (1898-1963) este exemplo:

“...aclamaram o mesmo Sr. Pedro de Toledo e os mesmos secretários para os governarem, naturalmente agora com mais honradez, proficiência e legalidade do que há uma semana atrás.” (*As razões de Minas*, 2a. ed. Belo Hor: Imprensa Oficial do Estado, 1932, p.12.)

A redundância que alguns autores querem agora desfazer continua na literatura brasileira contemporânea. Atestam o fato vários exemplos colhidos pela equipe do futuro *Dicionário de Usos do Português Brasileiro Contemporâneo*, em elaboração na UNESP, câmpus de Araraquara. — Vejamos:

- “Cármem se suicidou há cinco anos atrás, exatamente na data de hoje.” (F. Sabino, *A faca de dois gumes*, 1985.)

- “Há alguns anos atrás esses rios garantiam a sobrevivência da gente pobre que vivia às suas margens.” (R. Caniato, *A terra em que vivemos*.)

- “O ingrato viajou para o Rio, isso há uns sete anos atrás e até hoje não me deu notícias.” (P. Dantas, *Chão de Infância*, 1953.)

- “Não sei de nada. Tudo que sabia confessei há nove anos atrás.” (I. Ângelo, *Contos da repressão*, 1987.)

- “...até há uns dois anos atrás eu ainda era homem para pôr algum bilhete no papel.” (J. Guimarães Rosa, *Sagarana*, 1951.)

- “O senhor não pensava assim há três anos atrás.” (J. Andrade, *A moratória*, 1980.)

- “Desejo que Francisco Teles escape. Conhecemo-nos na enxovia há muitos anos atrás, quando fomos presos juntos.” (A . Miranda, *Boca do inferno*, 1989.)

- “O Rei invadiu, há anos atrás, o reino de meu tio e o destronou.” (E. Moniz, *Branca de Neve*, 1954.)

Como vimos, todas essas passagens mantêm o advérbio *atrás* que muitos hoje mandam excluir. É claro que esse uso de *atrás* não vai aparecer nos textos jornalísticos de *O Estado de S. Paulo*, sob o controle do redator Eduardo Martins. Tivemos notícia de que a revista *Veja* também não apresenta a redundância que estamos justificando.

Todavia, os jornais que não passam pelo crivo de revisores contrários ao uso redundante de *atrás* costumam trazer a forma pleonástica. Veremos isso confirmado nos próximos passos colhidos em grandes jornais brasileiros:

- “Ao contrário do que os estudiosos achavam, os japoneses de há mil anos atrás tinham contato com a civilização chinesa e eram capazes de produzir artefatos sofisticados.” (*O Globo*.)

- “...estão reivindicando [,,] que o conhecido Quartel General do Frevo, onde se realizam os bailes populares, seja feito no largo da praça da Prefeitura, como acontecia há alguns anos atrás.” (*Diário de Pernambuco*.)

Estamos convencidos de que a expressão pleonástica do nosso comentário - além de estar viva na língua - traduz o modo mais espontâneo do português falado.

Em conclusão: não se deve eliminar do nosso título a palavra *atrás*, sob a alegação de pleonismo vicioso, pois a forma redundante ainda corre no padrão culto, o que autoriza o emprego da expressão:

- *Há dez anos atrás.*

Observação: Devo à gentileza do Prof. Dr. Sebastião Expedito Ignácio as citações do português contemporâneo, em “Há dez anos atrás”.

2. Bibliografia

AMARAL, Vasco Botelho. *Glossário crítico de dificuldades do idioma português*. Porto: Livraria Simões Lopes, 1947, p. 450.

GUÉRIOS, Rosário Farâni Mansur. *Dicionário etimológico de nomes e sobrenomes*. 2. ed. São Paulo: Ave Maria, 1973. s. vv. *Soares e Henriques*.

LEITÃO, Ana Augusta de Almeida. *Dicionário bibliográfico português*. São Paulo: Ed. Unesp, 1959, p. 309.

VIANA, A . R. Gonçalves. *Apostilas aos dicionários portugueses*. v. 1. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1906. p. 500-501.

NASCENTES, Antenor. *Dicionário etimológico da língua portuguesa (Nomes próprios)*. Rio de Janeiro: Francisco Alves e outras, 1952. s. v. Garrett.

RIBEIRO, João. *Autores contemporâneos*. 1937, p. 202.

QUEIROZ, Eça de. *Notas contemporâneas*. s.e.d., p. 334.